



VII CINCCI

VII Colóquio internacional
sobre Comércio e Cidade

Fortaleza, 03 a 07 de Novembro de 2020

As manifestações artísticas e culturais em espaços públicos: o caso da Fenamilho e do Festival Marreco em Patos de Minas

Artistic and cultural manifestations in public spaces: the case of Fenamilho and the Marreco Festival in Patos de Minas

Manifestaciones artísticas y culturales en espacios públicos: el caso de Fenamilho y el Festival Marreco en Patos de Minas

MARTINS, Yara Paula; Mestranda; Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
yapmartins@gmail.com

Resumo

Nesse artigo, apresento uma reflexão acerca de dois eventos que acontecem na cidade de Patos de Minas/MG: a Fenamilho e o Festival Marreco. A partir de ideias discutidas pelas autoras Mara Porto em *Campo Aberto: proposições artísticas, lugares e deslocamentos na cidade* (2015), Brígida Campbell em *Arte para uma cidade sensível* (2015) e Vera Pallamin em *Arte, Cultura e Cidade: aspectos estéticos-políticos contemporâneos* (2015), procuro investigar como os eventos culturais e artísticos citados assumem diferentes formas em um mesmo espaço que é, no caso, a cidade mineira de Patos de Minas/MG. Pretendo refletir sobre as reverberações que eles tem sobre algumas questões sociopolíticas e sobre a cultura, o comércio, os espaços, o turismo e a vivência da arte na cidade.

Palavras-chave: Eventos culturais. Consumo. Cidade.

Artistic and cultural manifestations in public spaces: the case of Fenamilho and the Marreco Festival in Patos de Minas

Abstract

In this paper, I present a reflection about two events that take place in the city of Patos de Minas/MG: Fenamilho and the Marreco Festival. From ideas discussed by the authors Mara Porto in Open Field: artistic propositions, places and displacements in the city (2015), Brígida Campbell in Art for a sensitive city (2015) and Vera Pallamin in Art, Culture and City: aesthetic-political aspects contemporaries (2015), I seek to investigate how the cultural and artistic events mentioned take different forms in the same space that is, in this case, the mining city of Patos de Minas/MG. I intend to reflect on the reverberations they have on some socio-political issues and on culture, commerce, spaces, tourism and the experience of art in the city



VII CINCCI

VII Colóquio internacional
sobre Comércio e Cidade

Fortaleza, 03 a 07 de Novembro de 2020

Keywords: *Cultural events. Consumption. City.*

Manifestaciones artísticas y culturales en espacios públicos: el caso de Fenamilho y el Festival Marreco en Patos de Minas

Resumen

En este artículo, presento una reflexión sobre dos eventos que tienen lugar en la ciudad de Patos de Minas / MG: Fenamilho y Festival Marreco. Basado en ideas discutidas por los autores Mara Porto en Campo Aberto: propuestas artísticas, lugares y desplazamientos en la ciudad (2015), Brígida Campbell en Arte para una ciudad sensible (2015) y Vera Pallamin en Arte, Cultura y Ciudad: aspectos estético-políticos contemporáneos (2015), trato de investigar cómo los eventos culturales y artísticos mencionados toman diferentes formas en el mismo espacio que es, en este caso, el pueblo minero de Patos de Minas / MG. Tengo la intención de reflexionar sobre las reverberaciones que tienen sobre algunos temas sociopolíticos y sobre cultura, comercio, espacios, turismo y la experiencia del arte en la ciudad.

Palabras clave: *Eventos culturales. Consumo. Ciudad.*

1 Introdução

A relação entre a arte e a sociedade durante um período da história da arte foi marcada pela existência de barreiras, as quais garantiam um distanciamento entre a obra de arte, o artista, o espaço e os espectadores. O exercício da arte era um processo formal e contemplativo, a percepção do artista sobre a obra girava em torno da ideia de que ela deveria ser pensada para ser exposta nos grandes museus e admirada pelos visitantes. Desta forma, os espaços institucionalizados abrigavam os objetos de arte e assim criavam uma atmosfera de certa forma restrita, visto que alguns poucos que tinham acesso a estes espaços.

Porém, a partir dos anos 70 percebe-se o surgimento de uma nova mentalidade sobre o quadro vigente até então. A arte começa ampliar seu campo de atuação, ela deixa de estar apenas nos grandes museus e galerias e atinge novos espaços, inclusive os públicos e cotidianos. Desta forma, é possível perceber uma arte que acontece no âmbito urbano e que passa incorporar o entorno e a realidade dos espectadores no processos artísticos, ou seja, um arte urbana. A artista plástica Mara Porto, em sua dissertação “Campo Aberto: proposições artísticas, lugares e deslocamentos na cidade.”, sugere que:

As mudanças na percepção sobre espaço, lugar, obra, público, geradas pelas questões artísticas desse período, deslocaram os artistas do espaço comum de criação e exposição; isto é, fizeram com que buscassem novos espaços e lugares para a prática artística, elaborando um processo de questionamento da produção e circulação da arte nesses ambientes. Aí se inclui, também, a busca por novos materiais e novas técnicas do fazer artístico que permitissem realizar trabalhos permeados pela fisicalidade, em grandes escalas e em lugares específicos. Assim, o lugar designado para realização e experimentação de intervenções artísticas pode ser definido como lugar da vida cotidiana: carregado de troca e partilha; lugar onde se experimentam o comportamento e a relação com o outro e que determina uma implicação com os espaços definidos como “lugar da arte”. (PORTO, 2015, p. 24).

Considerando a ampliação da arte para os espaços citadinos e essas novas percepções que ela enxerga na contemporaneidade, temos uma arte mais engajada a refletir sobre a condição das cidades e das próprias sociedades. De tal maneira, também temos uma maior abrangência no que consiste o consumo da arte, visto que a arte urbana ao se espalhar pelos cantos da cidade se torna mais permissível e acessível. À luz de conceitos apresentados pelas autoras Vera Pallamin e Brígida Campbell, é possível inferir que diante dessa nova realidade a cultura e práticas artísticas trazem reflexões e debates sobre questões sociopolíticas e de certa forma se envolvem com a globalização capitalista

Pensando neste panorama, a partir de métodos qualitativos e análise crítica, venho neste artigo apresentar o caso da Fenamilho e do Festival Marreco em Patos de Minas. Procuo investigar como os eventos de arte e cultura locais se envolvem com os espaços e a sociedade e quais são suas reverberações na cidade, inclusive sobre o comércio. Analisando alguns aspectos de ambos os eventos, proponho um debate sobre como o Festival Marreco, com seu caráter político e questionador diante de algumas questões tanto locais como globais, pode estar em contraponto com algumas características presentes na Festa Nacional do Milho. Assim, a

proposta desta pesquisa se faz tão cabível porque abrange diferentes questões que tem uma relevância na prática da cidade.

2 Produto Cultural

Efetiva- se a tendência totalizante do capital sobre a cultura, expressa no papel central que este tem assumido em seus mecanismos de reprodução e mediação. Sob tal dominância faz-se o elogio mercadológico do “produto cultural”, fomentando-se, ao mesmo tempo, a chamada “cultura de eventos”, associada aos novos padrões de consumo. Concorrendo para sua espetacularização, prioriza-se a cultura como mercadoria, associando-a à lógica do imediatamente rentável. (PALLAMIN, 2015, p.141)

Desde a revolução industrial, a produção assume uma nova face perante a sociedade, na qual os produtos passam a ser consumidos pelos próprios trabalhadores agora assalariados. No decorrer dos anos a ideia do consumo vai se fortalecendo e com a globalização há uma difusão dos valores capitalistas. A autora Vera Pallamin em seu livro *Arte, Cultura e Cidade: aspectos estéticos-políticos contemporâneos*, faz apontamentos acerca da imersão da cultura e dos espaços urbanos na lógica do capital, na qual temos uma arte e cultura que são de certa forma comercializadas.

O capital gere diversos setores da sociedade e este, aliado as novas tecnologias de comunicação, entende que é possível obter lucro em praticamente tudo que envolve a vida humana nas cidades, inclusive a arte e a cultura. Desta forma, a cultura pode e é considerada como uma mercadoria, ou seja, ela tem seu valor associado a rentabilidade financeira. A autora ainda cita o que, nos anos 80 e 90, Jameson nomeou de “virada cultural”, que seria uma mudança na estrutura e no papel da cultura a partir de uma normalização e vulgarização que transforma em meios de consumo as experiências culturais.

Diante dessa vertente mercadológica da cultura, há um aproveitamento dos atrativos culturais como fonte de lucro, principalmente se associados a indústria do turismo. Pallamin diz que “Mesmo a arte pública, tanto a efêmera como a permanente, foi incluída na animação cultural desses cenários, frequentemente associados aos vários ramos da indústria do turismo.” (PALLAMIN, 2015, p.66). Os atrativos são diversificados e podem incluir desde cafés, livrarias, museus, programas de entretenimento, arte urbana e o próprio espaço das cidades. A prática turística atrai pessoas de diferentes lugares para desfrutarem dos espaços citadinos e das manifestações artísticas, criando assim um fluxo tanto de público como do capital.

É fato que o espaço público é muitas vezes considerado como uma fonte relevante para gerar valia e ganho, mas o que preocupa as vezes é como isso pode impactar negativamente a qualidade desses espaços. A autora Brígida Campbell, em seu livro *Arte para uma cidade sensível* (2015), sugere que em muitos casos a construção dos espaços públicos acontece partindo de projetos urbanos que tem como pauta apenas a valorização financeira e especulação imobiliária. Faz-se uma “limpeza” e revitalização em certas áreas para agregar mais valor a elas e nem sempre estas ações se preocupam com o quão afetada serão a área e a população que abriga nela, isso acaba afastando outros pontos relevantes a serem considerados ao engendrar um área urbana.

Nos últimos anos, presenciamos uma série de ações nas cidades, cujos desdobramentos vêm transformando os espaços urbanos em lugares de especulação imobiliária, “limpeza urbana” e gentrificação. A partir do crescimento econômico vivido no Brasil nos últimos anos, aliado à corrupção e aos investimentos internacionais, estamos assistindo a processos de expropriação do espaço público em favor do lucro das grandes empreiteiras. (CAMPBELL, 2015, p. 28)

De tal maneira, a ideia de processos de expropriação do espaço público apresentada por Campbell pode ser ampliada também para o âmbito do exercício cultural nas cidades, pois entende-se que essa dominação e ótica puramente consumista culmina no afastamento da vivência e apropriação dos espaços e da cultura, uma vez que ela tem caráter excludente. Acontece da arte e a cultura apresentarem um valor agregado que deixa de se voltar para um desfrute das possibilidades oferecidas pelas manifestações culturais e volta-se para o consumismo. Campbell diz que esse massacre, pelo capital, dos habitantes e dos lugares citadinos enfraquece a experiência urbana a ponto dela se tornar sem atrativos e violenta. E ela aponta, sobre uma outra perspectiva, que essas vertentes presentes nas cidades podem servir de material para o desenvolvimento de práticas artísticas por artistas contemporâneos supérfluo do “produto cultural” ou da arte e cultura enquanto mero produto.

Porém, a questão a ser pensada é até que ponto a globalização capitalista atrelada a cultura é positiva no sentido de promover um fortalecimento das práticas artísticas e da sua disseminação, abordando a ideia de que a arte perde um pouco seu caráter elitista e o seu consumo se torna mais acessível. Pois, a partir do momento em que há um rompimento da experimentação da arte enquanto força questionadora e estética, o valor agregado as obras se traduz basicamente em um consumismo supérfluo, que gira apenas em torno de interesses lucrativos. De igual maneira a questão do espaço público, em que o turismo e projetos urbanos podem estar aplicados sutil ou agressivamente.

Da mesma forma, Vera Pallamin entende que o empreendedorismo urbano com enfoques associados a rapidez, lucro e renda do espaço, gera cidades padrões, semelhantes e descartáveis se não puderem ser consumidas. Porém, a autora não deixa de salientar que mesmo com o predomínio do ideal capitalista, a cidade é um campo de conflitos, no qual pode e existe pensamentos e manifestações que se contrapõem e resistem a tal ideal, interpretando outras possibilidades de experimentação da cultura e da vida nos espaços urbanos.

A despeito da força desses processos urbanos, é possível pensar-se em fricções interpostas a eles, porque é sempre preciso lembrar que sua dominância ocorre em meio a um campo poroso e conflituoso, e que seus modos materiais de efetivação são permeados de contradições, lacunas e imprevistos. Se, por um lado, as atuais condições históricas têm colocado enormes dificuldades para se pensar uma resistência massiva a tudo isso, por outro elas têm exigido a necessária construção de outros modos de vascularização dos fluxos de vontades sociais que se contrapõem aos danos maciçamente causados por essa matriz produtiva. (PALLAMIN, 2015, p.69)

Sob à luz da perspectiva que as autoras Pallamin e Campbell apresentam, é possível perceber que na contemporaneidade, a valorização financeira capitalista reverbera nas cidades tanto sobre os espaços da área urbana como sobre as manifestações artísticas e culturais. Ela atua de forma econômica quando visa o

lucro e o consumo e como conteúdo para a criação de práticas artísticas e críticas de artistas e ativistas. As manifestações de arte encontram na cidade um novo campo e novos viés de atuação que engloba uma arte política e engajada diante de questões sociopolíticas ambientais.

3 MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS E O ESPAÇO PÚBLICO

As intervenções de arte contemporânea entendem que há possibilidade de explorar os mais diversos materiais, temáticas e lugares para sua criação. A arte que antes se limitava, na grande maioria das vezes, as paredes dos espaços institucionalizados, agora se amplia para as ruas das cidades repletas de anseios que envolvem a temáticas contemporâneas. A artista plástica Mara Porto sugere que a arte se conecta mais com a vida cotidiana e passa a ter o espaço público como lugar para realização de ações poéticas.

Com suas ruas, praças, jardins e casas, a cidade se tornou o lugar de reprodução do social, daí poder ser entendida como local ideal de representação artística e poética. Como a arte estabeleceu ligação maior com a vida, o espaço urbano se tornou material de trabalho da arte contemporânea. A arte criada para ocupá-lo – ou se apropriar dele - pode ser almejada com o intuito de intervir no cotidiano, no tempo de desaceleração do ritmo das cidades contemporâneas; de reocupar os espaços citadinos para semear ações poéticas e criar possíveis deslocamentos, mesmo que instantâneos e efêmeros, de modo a permitir que os caminhantes da cidade possam experimentar outras vivências com a arte. (PORTO, 2015, p.34)

A artista argumenta que o rompimento com as formas de perceber a arte e o espaço, faz com que os artistas questionem a vigente forma do processo artístico e com isso se desloquem em busca de novos meios de pensar, executar e abrigar seus trabalhos artísticos. Com isso, a arte chega as ruas e passa a perceber as permissividades dos espaços citadinos e, diante dos novos lugares e novas técnicas, começam a abordar também novas temáticas. As obras de arte urbana passam a incorporar os espaços e a vida cotidiana na sua produção e com isso reflete sobre questões que os englobam.

Segundo Campbell a cidade amplia os potenciais políticos e sociais da arte e garante aos artistas uma liberdade na hora de criar e produzir suas obras. Ao ocupar o espaço público, as intervenções se envolvem também com os litígios sociais, culturais, econômicos e ambientais que o cerca. Os impulsos que movem a produção artística faz com que essa assuma um caráter mais político e social propondo reflexões e lutas acerca de diversos assuntos atuais. A autora nomeia esse caráter político da arte como “micropolítica”, ou seja, as lutas são fragmentadas e diferentes dependendo do contexto que envolve o lugar onde acontecem. Ela aponta que “É uma atitude focada em questões cotidianas, nos direitos, nas ecologias, nas questões sociais e em tudo aquilo que nos afeta no dia a dia e nos organiza como sociedade.” (CAMPBELL, 2015, p. 23)

A arte urbana se desenvolve no âmbito urbano e passa então a ser símbolo de ativismo político e social que pensa a realidade na qual estão inseridos os

artistas. Para Pallamin, a arte como prática crítica tem significância pois ao se relacionar com o espaço público e com questões das cidades e sociedades contemporâneas, ela gera contrapontos que podem culminar em novas ressignificações para o espaço e para a própria experimentação da arte e da cultura. Desta forma, as intervenções de arte contemporânea tem cada vez obtido amplitude nas discussões e ações que propõe e sua abrangência permite uma maior possibilidade de contato e consumo da arte e cultura. Atualmente, além dos artistas, tem surgido muitos coletivos que enxergam essas oportunidades de repensar as cidades através da prática artística.

A ideia da arte colaborativa ou arte participativa como sugere Campbell, tem ganhado força aos longo dos anos. Cada vez é mais comum ouvir falar em coletivos artísticos urbanos que juntamente com os artistas tem proposto pensar por meio da arte, o cotidiano e seus pormenores. A ideia é que cada membro possa contribuir com suas habilidades e que aproveitando as possibilidades de comunicação que a tecnologia permite, os compartilhamentos de ideias garantam debates entre pessoas de vários lugares e sobre vários assuntos. E, muitas vezes, tais reflexões são concretizadas em práticas urbanas que refletem na realidade da cidade e da sociedade.

4 PATOS DE MINAS: O CASO DA FENAMILHO E DO FESTIVAL MARRECO

A Festa Nacional do Milho (Fenamilho) acontece na cidade de Patos de Minas/MG desde o ano de 1959 e completou 61 anos em 2019. Ela surgiu após conversas entre empresários locais que tiveram a ideia de fazer uma festa na cidade e considerando o município um produtor de grãos, surgiu a Festa da Colheita. O milho foi eleito para representar a festa e em 24 de maio de 1959, dia do aniversário da cidade, aconteceu a primeira edição com desfiles, partidas de futebol e baile. Desde o seu início, a Fenamilho teve o apoio das autoridades locais e do Sindicato dos Produtores Rurais, que na época era Associação Rural, tornando-se assim um evento bem vinculado ao setor agropecuário.



Figura 1: Show na arena - Fenamilho

Fonte: <https://www.fenamilho.com.br/institucional>

Durante muitos anos, a Fenamilho tem sido realizada no parque de exposições da cidade, o Parque de Exposições Sebastião Alves do Nascimento, e atualmente é tida uma das maiores festas agropecuária do estado de Minas Gerais. Considerada também como uma celebração do aniversário da cidade, todos os anos ela acontece na mesma época: próxima ao dia 24 de maio. São em média dez dias de festa com diversos shows de música, principalmente com atrações sertanejas; rodeio, leilões, praça de alimentação, barracas universitárias e feiras. E ainda conta com a tradicional eleição e coroação da Rainha Nacional do Milho e o famoso Festival de Pratos Típicos.

O acesso ao evento, exceto no dia 24 que é aberto ao público, é através da compra do passaporte que garante entrada todos os dias ou pela compra de tickets diários. A festa tem uma influência significativa na economia do município, pois além do giro elevado no setor agropecuário, ela atrai diversos turistas que lotam os hotéis e as ruas da cidade de Patos de Minas. A própria população patense movimenta o comércio local e arca com os custos da entrada e de consumo de bebidas, alimentos e outros.

Por sua vez, o Festival Marreco é um festival multicultural que acontece na cidade de Patos de Minas/MG e completou 12 anos em 2019. Idealizado pelo coletivo local Peleja, a primeira edição aconteceu no Galpão do Produtor Rural “Adelino Madrugada” – que é um espaço coberto localizado ao lado da rodoviária da cidade onde acontece a feira livre do produtor rural e alguns outros eventos – no ano de 2008. A sede da segunda edição em 2009 e das seguintes foi o Parque Municipal do Mocambo – um parque público, tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal e que se situa próximo ao centro da cidade.



Figura 2 e 3: Festival Marreco 2019

Fonte: Instagram do Festival Marreco (@festivalmarreco)

O festival é gratuito e é financiado pela verba pública e por empresas patrocinadoras. A 11ª edição que era para ser realizada em 2018, devido à falta de verbas, foi cancelada e só veio a ocorrer no ano seguinte. Em 2019, permanecendo as dificuldades financeiras, mais uma vez o festival ficou ameaçado de não acontecer. A população junto com o Coletivo Peleja se mobilizou e através da venda do caneco colaborativo e da cobrança de ingresso colaborativo na entrada, conseguiram a verba necessária para a execução do Marreco.

O evento dura um final de semana e acontece sempre no segundo semestre, por volta de agosto – setembro. Além dos shows, o público tem à disposição feiras gastronômicas, feiras de arte e artesanato e atividades vivenciais como Yoga no parque, rodas de conversa e debates. Sempre algum tema é colocado em voga para que se repense e discuta sobre ele durante as atividades, por exemplo, na última edição questões socioambientais foram refletidas nos debates e nas intervenções artísticas propostas pela artista Mara Porto e o pelo Coletivo Bananeira.



Figura 4 e 5: Ação no Festival Marreco 2019 por Mara Porto e Coletivo Bananeiras

Fonte: Acervo da artista

Diante da apresentação dos dois eventos, alguns questionamentos podem ser pensados acerca das características e dos intuitos assumidos por eles. Segundo a autora Vera Pallamin alguns eventos e práticas socioculturais e artísticas não apresentam caráter crítico e são meros desejos de consumo. Desta forma, me pergunto se estaria a Fenamilho inserida nesta realidade. Seria ela um “produto cultural” que visa o entretenimento infantilizado e se pauta na lógica mercadológica do consumo gerador de lucro?

Lançando mão de espetáculos impactantes, com âncora na produção de eventos e entretenimento, certas práticas socioculturais e artísticas-frequentemente formatadas por técnicas de marketing/audiência – esmeram-se como auxiliares eficazes na criação de desejos de consumo e como eficientes instrumentos de despolitização, sendo empregadas como um meio mais sofisticado de dominação. Sob o impacto da tecnologia e da ação midiáticas a realizarem uma miríade de atrações que não requerem atenção crítica, preparo particular nem esforço imaginativo, provocam-se anestesia e naturalização. (PALLAMIN, 2015, p.142)

É sabido que a Festa Nacional do Milho tem como principal enfoque a diversão, o lazer e os negócios e que; de fato, ela se volta muito para o consumo e giro de capital. Mas, mesmo sendo de caráter capitalista, não tem ela importância perante a cidade e a população de Patos de Minas? Não posso ignorar a significância que a Fenamilho tem perante a economia e a sociedade patense, pois além de ser uma manifestação cultural de grande amplitude que movimenta o comércio, o agronegócio e o turismo, ela é uma tradição de 60 anos que atualmente é considerada como parte do patrimônio histórico- cultural da cidade de Patos de Minas.

Uma outra questão que pode ser apontada é se o Festival Marreco se contrapõem a Fenamilho. O intuito do Marreco não é contradizer a Fenamilho, mas o festival possibilita outras formas de vivenciar a arte e a cultura e mesmo sem ser o objetivo, ele contrapõe alguns fatores da festa. O fato dele ser público e da festa apresentar altos valores para acesso, o caráter político e crítico que ele assume além de só visar o entretenimento e o incentivo as práticas artísticas são alguns dos pontos que garantem ao festival com uma face mais ativista e menos capitalista, com é o caso da Festa Nacional do Milho.

Porém, não é possível dizer que o Festival Marreco está totalmente desvinculado da ideia da ótica mercadológica e financeira, pois de certa forma ele também está atrelado ao consumo, inclusive da arte. Mesmo sendo de entrada gratuita, dentro do Festival há comercialização de bebidas, comidas e ainda de diversos outros itens na feira, como camisetas, quadros, doces, itens decorativos e afins. Essa possibilidade de expor e comercializar seu produto é um incentivo para os artesãos, produtores e artistas locais, pois permite que eles divulguem suas produções. Talvez é uma mercadoria que ainda não é conhecida no comércio local e depois do festival passa a ser e além disto a feira também está aberta para os que apenas desejarem manifestar sua arte.

Um assunto que também pode ser problematizado e associado aos dois eventos, é o posicionamento da gestão pública durante e perante os acontecimentos. A população patense debate sobre algumas atitudes urbanas que são tomadas na véspera da Fenamilho, como a pintura dos meios-fios e a limpeza das praças e avenidas centrais, porque para os habitantes essas ações são como uma afronta. Eles consideram que elas tem intuito de deixar a cidade apresentável para receber os turistas, porém mascaram problemas que deveriam ser resolvidos e nem sempre recebem atenção. Já no caso do Festival Marreco, que é um evento local, para que ações urbanas sejam tomadas é preciso um esforço para atrair os olhares da gestão pública.

Além de problemas com a falta de verbas, nas primeiras edições o festival tinha problema com a estrutura do local onde acontece. O Parque do Mocambo estava abandonado, era um lugar perigoso para se frequentar e apresentava uma séries de problemas estruturais, como falta de iluminação e limpeza, que

dificultavam o acontecimento do evento. Entretanto, com as edições ocupando o espaço do parque e movimentação das pessoas, o festival foi importante para conseguir a revitalização que aconteceu em 2015. Desde então, o parque que antes era abandonado agora além de comportar bem o Festival Marreco, recebe várias pessoas durante a semana e nos finais de semana para fazer piquenique, praticar atividades físicas, almoçar e aproveitar a estrutura que o lugar oferece.

3 Conclusão

Para pensar sobre a arte nos espaços da cidade e sobre como ela cria relações cotidianas com um público transeunte, convém pensar nos espaços públicos e nas inquietações constantes das sociedades nos últimos tempos. Por isso, para refletir sobre a cidade através da arte é propor um diálogo com circunstâncias atuais e temas sociais contemporâneos importantes: segregação dos espaços urbanos, diminuição dos espaços naturais, individualismo de uma sociedade pós moderna, marginalização dos espaços públicos, aceleração do cotidiano. Tudo isso faz com que artistas procurem, através da arte, possibilidades de analisar esse contexto e buscar, na criação, uma poética que reflita sobre as cidades contemporâneas. (PORTO, 2015, p.39)

Segundo a artista Mara Porto, que inclusive participa e realiza intervenções no Festival Marreco, a arte que busca refletir sobre a cidade está correlacionada com questões contemporâneas e atuais e com as vivências cotidianas. Desta forma, o Festival Marreco é uma expressão cultural e artística que permite que a população desfrute de momentos de descontração e lazer, mas que ao mesmo tempo acontece em um espaço público e que reflete sobre litígios contemporâneos da própria cidade de Patos de Minas e também de esferas mais globais. Nele, a arte além de ser experimentada é tida como prática crítica e política.

A Festa Nacional do Milho não apresenta enfoques políticos e sociais e se volta mais para a cultura enquanto produto a ser consumido. Nela, as práticas artísticas se traduzem em sua maioria nos shows e são substituídas pelas feiras de agronegócios. Mas, a Fenamilho tem uma repercussão maior e mais antiga do que o Festival, atingindo inclusive pessoas de outras cidades, ela representa uma movimentação na economia e é uma tradição consolidada em Patos de Minas e na redondeza.

Diante das análises aqui apresentadas, entendo que há uma manifestação de dois eventos com caráter distintos, com enfoques e objetivos diferentes e que um anula a importância do outro. De fato, quando a sociedade está muito imersa na lógica do capital, corre-se o risco da cultura assumir um caráter excludente, de se render apenas ao consumismo e perder a reflexão crítica sobre alguns fatores atuais. Porém, analisando o caso específico da Fenamilho, considero que não se pode dizer que ela é de todo negativa, pois mesmo sendo voltada para o entretenimento, ela tem suas reverberações na cultura e na economia da cidade.

Da mesma forma, o Festival Marreco cada vez mais tem se fortalecido e colocado em pauta diversas inquietações socioambientais e políticas, além de permitir e expandir as possibilidades dos artistas e coletivos realizarem suas produções de arte em Patos de Minas e de incentivar os produtores e artesãos locais a divulgarem seus produtos. Os dois eventos atuam como complemento, cada um com suas características impactam diferentes públicos e setores na cidade.

4 Referências

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein; DULTRA BRITTO, Fabiana. **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.

PALLAMIN, Vera Maria. **Arte, cultura e cidade: aspectos estéticos-políticos contemporâneos**. São Paulo: Annablume, 2015.

PORTO, Mara Nogueira. **Campo aberto: proposições artísticas, lugares e deslocamentos na cidade**. Uberlândia: UFU/ PPGAR, 2015.

BERENSTEIN JACQUES, Paola; DULTRA BRITTO, Fabiana. **Corpocidade: arte enquanto micro resistência urbana**. Maio. 2009. Repositório UFBA. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2625>> Acesso em: 16 agosto 2019.

DANNEMANN, Eitel T. Fenamilho – Lei n.º 5.082/2001: Ato de interesse do município. In: **EFECADPATOS**, 2013. Disponível em: <<https://www.efecadepatos.com.br/?p=3181>>. Acesso em 27 dez. 2019.

Festival Marreco de Cultura Independente. In: **Portal Minas Gerais**, 2017. Disponível em: <<http://www.minasgerais.com.br/pt/eventos/patos-de-minas/festival-marreco-de-cultura-independente>>. Acesso em 03 jan. 2020.

Festival Marreco. In: **Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/festivalmarreco/?hl=pt-br>>. Acesso em 03 jan. 2020.

In: **Coletivo Peleja**. Disponível em: <<http://coletivopeleja.blogspot.com/>>. Acesso em 03 jan. 2020.

Quem somos. In: **Fenamilho**. Disponível em: <<https://www.fenamilho.com.br/>>. Acesso em 27 dez. 2019.